

O problema da reconstituição das casas redondas castrejas

POR

JORGE DIAS

Contribuição da Etnografia

Já várias vezes abordamos o problema das construções circulares dos nossos dias ⁽¹⁾ relacionando-as com as da antiguidade, pois este é um dos casos em que, como diz Richthofen, se torna indispensável a colaboração estreita entre a investigação pré e proto-histórica e a etnográfica e etnológica ⁽²⁾.

A grande quantidade de novo material que temos acumulado em expedições feitas pelo país, colocou-nos em condições de cumprir a promessa que fizemos há tempos ⁽³⁾, de localizar numa

(1) Jorge Dias — *Las construcciones circulares del Noroeste de la Peninsula Ibérica y las Citanias*, in «Cuadernos de Estudios Gallegos», fasc. II-6, 1946, págs. 173-194.

——— *Construções circulares no litoral português. Contribuição para o estudo das construções circulares do noroeste da Peninsula Ibérica*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», vol. XI, fasc. 1-2, 1947, págs. 192-195.

——— *Las chozas de los Cabeçudos y las construcciones circulares de las citanias españolas y portuguesas. Contribución etnográfica para la reconstrucción de la vida en las citanias*, in «Archivo Español de Arqueología», Madrid, 1948.

(2) Frhr. von Richthofen — *Zur Bearbeitung der vorgeschichtlichen und neueren kleinen Rundbauten der Pyrenäenhalbinsel*. (Homenagem a Martins Sarmento). Guimarães, 1933, pág. 334.

(3) No primeiro trabalho mencionado na Nota 1 a pág. 194.

carta os diferentes tipos de tais construções que encontramos em Portugal.

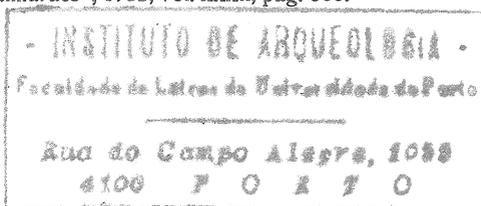
Porém o estudo desse material levou-nos a rever todo o problema e a procurar novas soluções, que por sua vez exigem a consulta de obras estrangeiras que ainda não obtivemos, de forma que não é por enquanto possível pensar na sua publicação (1).

Entretanto, do confronto dos diferentes tipos de construções circulares encontradas por nós, ou por colaboradores do Centro, nos últimos tempos, com outros dados pela bibliografia, surgiram várias considerações relacionadas com o problema da reconstrução das casas circulares castrejas, várias vezes tentada por homens de indiscutível saber. Como a descoberta de novos elementos, ou qualquer sugestão, podem ser de utilidade para a resolução de tão magnos problemas, como os relacionados com os das nossas origens, não queremos deixar de expor aqui os resultados até agora obtidos.

Martins Sarmiento, essa grande figura da ciência nacional, disse um dia, referindo-se aos problemas relacionados com os castros: «Parecem-me famosos estes problemas, e (que), se alguém resolvesse metade deles, um canto dos mistérios das nossas origens históricas ficava levantado» (2). Apesar de já se ter trabalhado bastante, e dos resultados obtidos pela ciência nacional e pela estrangeira, sobretudo pela da nação vizinha, que no campo da Arqueologia ocupa hoje um lugar de grande destaque, ainda se não resolveu a tal metade dos problemas a que Martins Sarmiento se referia, e bom é que todos nos empenhemos na sua solução.

(1) Parte deste trabalho foi apresentado em comunicação—*Contribution to the study of primitive habitation*—ao Congresso Internacional de Geografia, de Lisboa, 1949.

(2) *Martins Sarmiento*, in «Revista de Guimarães», 1922, vol. xxxii, pág. 368.



Vamo-nos ocupar aqui simplesmente dos problemas relativos à reconstrução das casas circulares — materiais de construção, altura das paredes, portas e janelas e formas de cobertura.

A princípio, o conhecimento muito limitado de algumas ruínas castrejas portuguesas, levaram-nos a pensar numa solução comum para todos os casos idênticos deste tipo de cultura do Noroeste peninsular. Porém, estudos ulteriores obrigaram-nos a mudar de opinião, e hoje inclinamo-nos a procurar soluções diferentes, conforme as circunstâncias.

Devemos dizer que a Etnografia nos fornece exemplos curiosos que ajudam a resolver os diferentes casos, assim como confirmam a hipótese da solução múltipla. Se, de facto, encontramos na actualidade tipos de casas circulares espalhadas pelo país, que mais ou menos correspondem às diferentes descrições que os arqueólogos fazem das construções encontradas nas várias estações por eles estudadas, por que não aceitar que na antiguidade já essas diferenças existissem? O próprio material de que dispunham determinava maneiras de construir diferentes, que convém não esquecer.

Vamos começar por dividir as construções conforme o material empregado: *a)* cabanas só construídas com materiais vegetais (troncos e ramos de árvores, giestas calafetadas com barro amassado, ou não, e colmo); *b)* casas de paredes de granito; *c)* casas de paredes de xisto; *d)* casas de adobes; *e)* casas mistas, com parte da parede de pedra e o resto de adobes, ou de madeira, ou ainda de ramos entrançados recobertos de barro amassado. Os outros problemas, como a altura das paredes, portas, janelas e formas de cobertura estão na dependência destes, pois, às vezes podem ter influência neles os materiais empregados.

Construções tipo a) cabanas de materiais vegetais

Começemos pelo tipo a) em que só se empregam materiais de construção vegetais e, portanto, pouco resistentes à acção do tempo. Apareceram vestígios de cabanas deste tipo em várias estações mais antigas que os castros lusitano-romanos (1). Em Sabroso encontraram-se restos destas moradias, a que Alves Pereira chama as primitivas choças de faxina e barro (2). Este investigador teve o cuidado de depositar no Museu Etnológico, fragmentos de barro cozido, com nítidos vestígios das varas finas sobre o qual os antigos moradores o tinham deitado para calafetar (3). Este costume de usar barro sobre o colmo para melhor vedar a entrada da água era muito antigo entre nós, e já Vitruvius o descreve como sendo comum à Galiza, Espanha, Portugal e Aquitânia (4).

Na nação vizinha durante uma expedição científica realizada pelo Seminário de Estudos Galegos (5), no castro de Palmou, na terra de Deza, também apareceram fragmentos de barro com os mesmos vestígios, assim como no castro de Sam Mamede, em Paradela (6). Mas são sobretudo notáveis os abundantes achados deste género, encontrados no Castro de Rio, em Vilamarim, onde

(1) Alves Pereira — *Estudos do Alto-Minho. Habitações castrejas do Norte de Portugal*. Viana do Castelo, 1914, fasc. XIV, pág. 17.

(2) Alves Pereira — *Obra e lugar citados*.

(3) Alves Pereira — *Obra e lugar citados*.

(4) Vitruvius — Livro II, cap. I.

(5) Florentino López Cuevillas y Joaq. Lorenzo Fernandez — *Las Habitaciones de los castros*, in «Cuadernos de Estudios Gallegos», II-5, 1946, pág. 8.

(6) Vázquez Seijas — *Lugo en los tiempos prehistoricos*, pág. 39.

se pode nitidamente observar a técnica usada pelos primitivos habitantes dos castros (1).

Lopez Cuevillas e Joaq. Lorenzo, esses incansáveis arqueólogos a quem tanto devemos pelos estudos valiosíssimos sobre a cultura castreja, descrevem-nos os resultados das escavações levadas a cabo no castro de Cameixa em Boborás, nos anos de 1944 e 1945, que revelam com bastante evidência que as casas circulares de pedra são muito posteriores às choças, que durante longo tempo foram as únicas habitações do recinto estudado (2). Os referidos investigadores deduzem das marcas deixadas no barro que, por vezes, deviam existir autênticas caniças de vime, muito semelhantes às que ainda se usam em alguns canastros (espigueiros) do Noroeste peninsular, concluindo que, pelos materiais empregados, as tais cabanas deviam ser redondas (3).

É certo que se podia pensar, que estes fragmentos de barro fossem das coberturas vegetais, pois, como adiante veremos, era esse com certeza, um dos sistemas usados nas casas de planta circular. No castro de Coaña, por exemplo, apareceram restos de palha carbonizada a atestar tal hipótese (4). Contudo, no caso referido pelos arqueólogos galegos puderam-se determinar vários níveis distintos, nos quais apareciam a lareira de pedra e argila e os tais bocados de barro, mas sem indícios de paredes de pedra, que só no nível superior existiam, como nos demais castros (5). Isto exclui qualquer possibilidade de dúvida, e temos de aceitar que as primeiras habitações deviam ser cabanas de madeira, com

(1) López Cuevillas y Joaq. Lorenzo — *Obra cit.*, pág. 9.

(2) López Cuevillas y Joaq. Lorenzo — *Obra cit.*, págs. 10 e 11.

(3) López Cuevillas y Joaq. Lorenzo — *Obra cit.*, pág. 11.

(4) Antonio García y Bellido — *El castro de Coaña (Asturias) y algunas notas sobre el posible origen de esta cultura*, in «*Archivo Español de Arqueología*», n.º 42, Madrid, 1941, pág. 196.

(5) López Cuevillas y Joaq. Lorenzo — *Obra cit.*, pág. 10.

revestimento de plantas maleáveis, como giesta, vimes ou colmo, a que aplicavam, ainda por cima, barro, para as tornar mais eficazes contra as intempéries (1).

Os referidos arqueólogos, em face destes achados, são levados a supor que as primeiras moradias dos habitantes dos castros deviam ser umas cabanas de planta circular construídas com paus, varas e ramagem de diferentes espécies vegetais.

Perante tal reconstituição ideal, pode alguém perguntar se não estaremos em face de fantasias curiosas de homens de ciência, mas sem fundamento indiscutível?

Contudo, se não bastarem os argumentos lógicos deduzidos dos achados dos arqueólogos, a Etnografia vem demonstrar que tais habitações nada têm de fantasioso, visto que as podemos ver ainda em nossos dias. De facto, nós encontramos em Março de 1948, uma série de construções deste tipo, algumas das quais servem de habitação permanente a famílias de agricultores. (Fig. 1).

Perto da estrada de Viseu para Mangualde, no lugar de Prime, freguesia de Fragozela, concelho de Viseu, vêem-se umas curiosas construções cónicas, recobertas de colmo, que uma pessoa pouco observadora facilmente tomará por vulgares medas de palha. Embora sejam aparentemente iguais, há contudo diferenças entre elas que convém estabelecer.

Estas cabanas são armadas com varas de pinheiro assentes no chão, em círculo, e convergindo todas, em cima, para um ponto, de maneira a formar o vértice dum cone. Sobre estes paus colocam rama de carvalho e giestas, que recobrem depois com uma camada de colmo. Em geral estas cabanas servem de palheiros, mas também são utilizadas algumas como casas de habitação. Algumas cabanas são só recobertas de giestas e levam uma

(1) Santos Rocha — *Estações Pré-romanas da Idade do Ferro — O Crasto (nas vizinhanças da Figueira)*, «Portugália», vol. II, págs. 499-500.

espécie de capucha de colmo em cima, que apertam com um cabo de palha entrançada.

Há, contudo, casos, em que esta armação se não coloca no chão, mas sobre umas paredes circulares de pedra, formando assim uma construção de dois andares, pois sobre a parede assentam uma espécie de sobrado, de maneira a terem os animais por baixo e a poderem guardar a palha milha em cima. (Fig. 4).

Tanto a giesta como o colmo são dispostos às camadas sobrepostas, concêntricas, de baixo para cima, de maneira a não

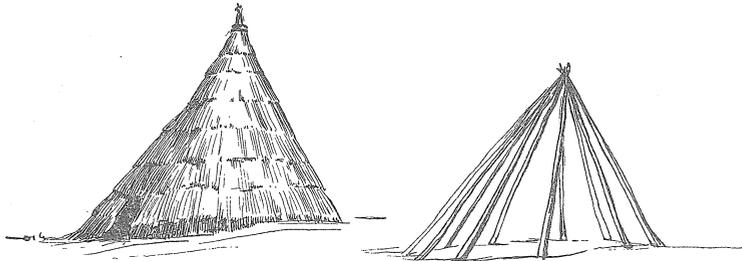


Fig. 1 — Casa e pormenor de construção das cabanas de Prime (Fragozela, Viseu).

(Desenho de Fernando Galhano).

deixar penetrar a água no interior. Às vezes, estas cabanas são encimadas por uma pequena cruz de madeira.

As dimensões são variáveis, havendo-as com um diâmetro da base superior a 5^m e com mais de 4^m de alto.

Os habitantes da região chamam *cabanas* àquelas construções, e *cabanões* a outras rectangulares, de paredes baixas de pedra, feitas com os mesmos materiais, que não costumam servir de habitação (1).

(1) Nas brañas asturianas existe uma choça grande, entre as outras de dimensões normais, a que chamam «la cabanona» ou «el cabanon» e que não serve de habitação.

Constantino Casal — *Las costumbres asturianas, su significado y sus orígenes*. Madrid, 1931, pág. 105.

Em face disto, quem poderá ter dificuldade em aceitar as reconstruções das cabanas primitivas feitas pelos arqueólogos? Se nos nossos dias há quem viva nessas simples construções de pau e ramagens, ninguém pode duvidar de que os primitivos habitantes dos castros vivessem em cabanas assim, ou em quaisquer outras deste género.

Construções tipo *b*) casas de paredes de granito

A nossa interpretação não pode, infelizmente, abranger todos os casos de construção de casas circulares graníticas, mesmo pela circunstância de nem sempre conhecermos os materiais empregados em alguns castros. Mas não deve ser isso razão para não se procurar estabelecer a distinção entre as construções feitas com granito e com xisto (1).

Basta passar os olhos pela respectiva bibliografia, para ver que na maior parte dos castros portugueses e galegos impera o granito.

Em Sabroso aparecem numerosos fragmentos de placas de xisto juntamente com material granítico muito mais abundante (2).

Uma das características curiosas destas construções circulares de granito é o aparelho. As paredes das casas costumam ser duplas. A parede exterior é formada de blocos maiores e mais regulares e é forrada interiormente por uma parede de pedras mais miúdas e menos trabalhadas. Em geral estas pedras são ligadas por uma espécie de argamassa que lhe aumenta a solidez, mas há casos de construção a seco (San Cibrán de Lás, Troña) (3).

(1) Não falamos de outras rochas porque até hoje só encontramos aquelas duas nos casos que estudámos.

(2) Mário Cardozo — *Citânia e Sabroso*, 1948, pág. 54.

(3) López Cuevillas y Joaq. Lorenzo — *Obra cit.*, pág. 16.

Quanto às formas das pedras da parede exterior e sua disposição, recomendamos o estudo dos arqueólogos galegos, já várias vezes citados, que apresentam um esquema e exemplos dos diferentes tipos até hoje encontrados (1). Para o nosso caso, isso interessa menos, pois nas construções graníticas dos nossos dias, o acabamento das paredes está longe de atingir a perfeição que se verifica em muitas casas castrejas.

O primeiro problema que se nos apresenta, relativo à reconstrução das casas circulares de granito, é o da altura das paredes. As paredes graníticas, encontradas nas diferentes escavações dos castros portugueses e espanhóis, são muito baixas, tão baixas que muitos investigadores nem chegam a mencionar a altura, limitando-se, por vezes, a indicar o diâmetro e a espessura das paredes (2), acrescentando outros a fotografia dessas ruínas tão curiosas e sugestivas (3). Em Briteiros, os restos das paredes raras vezes ultrapassam um metro de altura (4), e pode-se dizer que só por excepção poderão aparecer noutros castros paredes mais altas.

Em face disto, alguns arqueólogos supuseram que só uma parte da parede fosse de pedra, e o resto construído com adobes ou de faxina e barro (5). Martins Sarmiento, que tentou a reconstrução de duas casas de Briteiros, era de opinião que a parede fora toda de pedra, mas deu-lhes uma altura, igual ao diâmetro

(1) López Cuevillas y Joaq. Lorenzo — *Obra cit.*, págs. 16-20.

(2) Carlos Teixeira — *Notas arqueológicas sobre o castro de Lanhoso*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», fasc. 1, vol. IX, 1940.

(3) Eugénio Jalhay — *A Citânia de Sanfins*, in «Brotéria», vol. XXXIX, fasc. 5, Nov. 1944.

Ignácio Calvo — *Monte de Santa Tecla, La Guardia (Pontevedra)*, Madrid, 1920.

(4) Mário Cardozo — *Citânia e Sabroso*, 1948, pág. 27.

(5) Santos Rocha — *Estações Pré-romanas da Idade do Ferro (Santa Olaya)*, «Portugália», tomo II, págs. 320-321.

das casas. O próprio investigador reconheceu, mais tarde, que errara, atribuindo tal altura às paredes, que deviam ser mais baixas (1).

Bastante mais tarde, sobretudo depois da descrição que Angel del Castillo nos faz das «pallazas» do Cebrero (2), já se torna mais fácil reconstituir estas construções do passado, e Lopez Garcia chega a aventar a hipótese das padieiras das portas serem formadas pela própria armação da cobertura de colmo (3), não passando daí as paredes.

Pelas construções primitivas deste género, que temos encontrado, e que em tudo se assemelham ao que resta dessas construções do passado, também somos de opinião que muitos restos das paredes das citânicas não devem estar longe da sua altura primitiva.

Mas, para não argumentar só com elementos de comparação, gratos à Etnografia, também nos queremos apoiar nos elementos fornecidos pela própria Arqueologia.

Está fora de dúvida que se as paredes fossem muito mais altas, os arqueólogos deviam encontrar no entulho, uma quantidade de pedras talhadas no género das outras, correspondendo ao resto da parede destruída pelo tempo.

Contudo, ainda não vimos referência a tal coisa, a não ser em relação a edificações do castro de Coaña, que é de xisto e que por-

(1) Martins Sarmiento — *Observações à Citânia do Snr. Doutor Emílio Hübner*, Porto, 1879, pág. 14.

(2) Angel del Castillo — *Por las montañas de Galicia — Las casas del Cebrero*, «Boletín de la Real Academia Gallega», año VIII, 1913; Angel del Castillo — *Por las montañas de Galicia, origen y antigüedad de las «Pallazas» del Cebrero*, «Boletín de la Real Academia Gallega», año IX, 1914.

(3) J. Lopez Garcia — *La Citania de Santa Tecla, o una ciudad prehistorica desenterrada. Apuntes arqueológicos*, La Guardia, 1927, págs. 62-64.

tanto será estudado mais tarde (1). Pelo contrário, Santos Rocha faz esta curiosa observação sobre as casas do castro de Santa Olaya: «as paredes de cada uma das casas melhor conservadas eram sensivelmente da mesma altura, e esta chegava a ser quase igual nas três casas» (2). É por esta razão que ele conclui que daí para cima se teria empregado um material diferente, ainda para mais que foi encontrada dentro duma das casas, uma espécie de parede de barro, que um incêndio devia ter cozido. Diz ele que na face inferior era o barro liso em muitos pontos, enquanto que na superior estava corroído e desigual. Outros fragmentos de barro neste género também apareceram em outras casas, mas na primeira mencionada o lanço de barro (suposta parede de adobes) media 2^m,50 de alto.

Podemos daqui concluir que as paredes de pedra não deviam ser de facto, muito mais altas, que as que se encontram nas ruínas. Simplesmente, antes da contribuição de Angel del Castilho de que falamos, não era fácil compreender-se que se pudesse viver dentro duma casa com paredes tão baixas, e daí a necessidade de explicar por qualquer processo, paredes mais altas.

A solução da altura das casas estava afinal na cobertura e não nas paredes. A cobertura cónica, alta permite viver-se dentro dessas cabanas de paredes baixas perfeitamente à vontade.

Isto, pelo menos, para as casas dos castros, cuja cobertura era feita de madeira e giesta ou colmo (clafetada ou não com barro), que, certamente, deviam ser a maioria.

Já vimos, atrás, que vários autores defenderam a cobertura vegetal, e são muitas as razões que levam a aceitar tal hipótese.

(1) Garcia y Bellido — *El Castro de Coaña (Asturias)*, in «*Archivo Español de Arqueología*», n.º 42, 1941, págs. 192-196.

(2) Santos Rocha — *Estações Pré-romanas da Idade do Ferro (Santa Olaya)*, in «*Portugália*», tomo II, pág. 320.

Na coluna de Marco Aurélio estão esculpidas habitações dos germanos que eram deste tipo (1), e Júlio César também no-las descreve como tal ao falar das suas campanhas da Gália (2). Por outro lado, já vimos que Vitruvius se refere à cobertura vegetal das casas de várias regiões, entre as quais inclui aquela de que estamos tratando (3) e não faltam notícias de outras épocas menos remotas, a atestar a continuidade do processo (4), que se manteve vivo até nossos dias (5).

Na Serra de S. Mamede (concelho de Marvão, dist. Portalegre) tanto em Barretos, como na Arranjinha, mas sobretudo nos Cabeçudos, existe grande quantidade de construções de planta circular, com paredes baixas de pedra e cobertura cônica de paus e giesta (6).

Na aldeia dos Cabeçudos é notável a quantidade de tais edificações, pois conta hoje acima de 20, das quais quatro são habitadas por famílias que lá cozinham e vivem, mas não dormem, e duas são vivendas completas, onde decorre toda a vida doméstica de seus donos.

(1) R. Mielke — *Die angeblich germanischen Rundbauten an der Markussäule in Rom*, in «Zeitschrift für Ethnologie», XLVII, 1915, págs. 75-91.

(2) Júlio César — *De Bellum Gallicum*, v, 43, v, 12.

(3) Vitruvius — Livro II, cap. I.

(4) Otero Pedrayo — *Unha impresión de Galicia do sul no derradeiro ano do séc. XVIII*, «Seminário de Estudos Galegos», La Coruña, 1929.

Ver também López Cuevillas e Joaq. Lorenzo — *Obra cit.*, pág. 68.

(5) São ainda frequentes as aldeias portuguesas que usam cobertura de colmo. No Barroso e em Montemuro ainda é esmagadora a maioria das casas assim cobertas.

(6) Jorge Dias — *Las chozas de los Cabeçudos y las construcciones circulares de las citanias españolas y portuguesas. Contribución etnográfica para la reconstrucción de la vida en las citanias*, in «Archivo Español de Arqueología», Madrid, 1948.

A aldeia, de uns 76 fogos, fica oculta na encosta dum vale de ligeiro declive, entre os 470 e os 490 metros de altitude (1), numa região pobre, semeada de grandes blocos de granito e sem terrenos de cultivo. As casas encontram-se distribuídas ao acaso, numa ausência completa de alinhamentos, e quase que sem caminhos. Segundo informação, a aldeia há uns 50 anos tinha somente uma ou duas casas rectangulares e toda a gente vivia nas tais choças circulares (2). Hoje, além das casas primitivas que vamos descrever, há vários tipos curiosos de transição, que nos ajudam a compreender os edificios redondos ou redondeados, e outros primitivos que aparecem com frequência no país.

O tipo mais antigo, pode-se dizer que é inteiramente redondo, se não atendermos às imperfeições duma construção feita um pouco a olho. Aparentemente a casa não tem alicerces e assenta em qualquer superfície plana da rocha granítica, que aflora por toda a parte. Às vezes, apresenta-se tanto ou quanto irregular, sem que isso os incomode demasiado. O maior diâmetro das casas medidas era de 4,90.

As paredes, feitas de blocos de granito, em geral pequenos e toscos, são construídas a seco, sem revestimento interior ou exterior, e têm uns 50^{cm} de espessura. São extraordinariamente baixas, pois oscilam entre 1,30 e 1,50^{cms.}, mas a forma cónica do telhado permite andar à vontade lá dentro. As casas têm uma única abertura, que é a porta, por onde se faz a ventilação e a iluminação. Esta é tão pequena (1,30 × 0,80) que é preciso a gente baixar-se bastante para entrar (Fig. 2).

O telhado cónico é feito de paus de carvalho e sobreiro, assentes sobre a parede, e que vão encaixar uns nos outros na parte superior, pois alguns terminam em forquilha. As constru-

(1) Carta 1 × 25.000.

(2) Informação do negociante do lugar, Sr. Miguel Carrilho.

ções maiores têm um apoio ou coluna de madeira (carvalho) colocada no centro da casa de 3^m,40 e terminando em forquilha. Esta coluna não tem nenhum apoio especial de pedra, e assenta directamente na rocha que forma o chão da choça.

Os paus, que partindo da parede (os tiravões) se vão unir em cima na coluna, formam uma armação cónica, sobre a qual se colocam ramos pequenos de sobreiro, mas bem ramificados, de maneira a servirem de suporte à cobertura vegetal exterior,



Fig. 2 — Casa de habitação dos Cabeçudos (Marvão), com a armação do telhado e a coluna central da mesma casa.

(Desenho de Fernando Galhano).

que aqui é sempre a giesta, visto ser terra pobre de pão e, portanto, sem colmo.

O interior destas casas habitadas é extremamente simples. Ao centro, não longe da coluna central, sob o solo de granito está o fogo, à volta do qual se senta a família em cadeiritas baixas. Ao longo das paredes arrumam-se os poucos móveis de que dispõem.

Como acabamos de ver, a semelhança entre estas choças (1) e as casas redondas das citânias é flagrante, e até hoje não creio

(1) Choças, é o nome que lhe dão os próprios habitantes.

que se tenha encontrado nada que possa ajudar a reconstituir um dos tipos das casas castrejas, tão bem como elas.

Se as pallazas del Cebreiro ⁽¹⁾ e outras semelhantes encontradas e estudadas posteriormente nos Ancares e Astúrias ⁽²⁾, já vieram confirmar a hipótese da cobertura vegetal e do apoio sobre uma coluna central, as choças dos Cabeçudos vêm além disso dar as dimensões exactas dessas construções.

Segundo Crespi, as «pallazas» apresentam uma planta elíptica ou oval, tendo as duas que foram medidas 14^m,50 e 17^m de diâmetro longitudinal interior e 11^m,50 e 13^m de diâmetro transversal respectivamente, enquanto que a altura das paredes oscila entre 1^m,80 a 2^m ⁽³⁾. Em face destes exemplares não era fácil conceber uma parede baixa, e daí a dificuldade de reconstituição exacta que os arqueólogos encontraram. Mas, estas choças com um diâmetro máximo de 4^m,90 e com uma altura de paredes entre um 1^m,30 e 1^m,50 já tornam o problema bastante claro.

De facto, se compararmos estas cabanas, com as ruínas das casas de Briteiros, vemos que a semelhança é enorme. Na Citânia a espessura das paredes oscila entre 40 a 50 centímetros, o diâmetro interior é de cerca de 5 metros, não ultrapassando, em geral, a altura das ruínas um metro ⁽⁴⁾.

(1) Angel del Castillo — *Por las montañas de Galicia, origen y antigüedad de las «Pallazas» del Cebreiro*, «Bol. de la Real Acad. Gallega», año IX, 1914, n.º 82, pág. 245.

(2) L. Crespi — *Contribuciones al Folklore Gallego*, Extracto de las «Conferencias y Reseñas Científicas», de la Real Sociedad Española de Historia Natural, tomo IV, 1929; e Fritz Krüger — *Las Brañas, Ein Beitrag zur Geschichte der Rundbauten im asturisch-galicisch-portugiesischen Raum*, «Congresso Nacional de Ciências da População», Porto, 1940. (Vale a pena ler este trabalho, muito completo e com numerosa bibliografia).

(3) L. Crespi — *Obra cit.*

(4) Mário Cardozo — *Citânia e Sabroso*, Guimarães, 1948, págs. 26-27.

Comparando a fotografia da reconstrução mandada fazer por Martins Sarmento, com uma das choças dos cabeçudos, vemos que aquele sábio se não enganou quando mais tarde reconheceu que as paredes não deviam ser tão altas (1).

Por sua vez, baixando as paredes e alteando o telhado, a maior inclinação deste dispensa o beiral, que M. Sarmento supôs necessário como remate da pequena chapeleta que apresenta a casa de Briteiros.

De resto, a reconstituição de Sarmento é, para a época, digna de admiração. O grande arqueólogo, partindo do achado duns pilares quadrangulares de pedra, apresentando, às vezes, uma pequena concavidade na parte superior, que se encontram no centro de várias casas, concluiu que estas deviam servir de suporte a umas colunas de madeira usadas para aguentar a armação do telhado cónico. Ora as casas por nós estudadas nos Cabeçudos confirmam a suposição das colunas inteiramente.

Parece fora de dúvida que, pelo menos grande parte das casas redondas castrejas, devia ser como estas que descrevemos.

À observação que fez Santos Rocha, acerca da altura das ruínas mais conservadas do Castro de Santa Olaya ser sensivelmente a mesma (2), acrescentamos nós que isso se repete nas ruínas de muitos outros castros bem conservados.

Qualquer bom observador que tenha visitado Briteiros, Santa Luzia, Santa Tecla, Lanhoso, etc., fica impressionado com a uniformidade da altura das ruínas.

Quanto à suposta parede de barro de que nos fala o mesmo Santos Rocha (3), pode ser que se trate do revestimento de barro da cobertura vegetal que, como já atrás vimos, era frequente

(1) Ver *obra cit.*, nota 1 da pág. 135.

(2) Ver nota 2 da pág. 136.

(3) Ver nota 2 da pág. 136.

naquele tempo e em épocas posteriores (1). É certo que o mesmo investigador, procura estabelecer diferença entre esses achados de barro liso, e outros com impressões de ramos de árvore e outras plantas (2). Mas, é possível que nuns casos se fizesse um revestimento exterior e noutros também um revestimento interior, ficando a face interna desse barro com a superfície lisa. Ou então, podemos admitir que Santos Rocha tem razão, e que no castro de Santa Olaya se alteariam as paredes de pedra com adobes. Isto é neste caso aceitável, visto que aqui as casas não são de planta circular, como as dos castros do Norte.

Contudo, a solução do telhado cónico-piramidal em construções deste tipo, quadradas, encontra-se com frequência no nosso país, e nesse caso não havia necessidade de elevar a parede. Mas, inclinamo-nos a pensar que estas casas quadradas, que hoje se vêem, são derivadas das redondas, pois nos Cabeçudos existe uma destas, entre outras formas de evolução a partir das choças redondas primitivas (3).

Porém, se a cobertura cónica vegetal nos parece indiscutível como solução para um grande número de casas castrejas redondas, não a podemos generalizar a todas as construções, ainda para mais que as citânicas atravessaram muitas gerações, e não só foram sofrendo influência de outras culturas, como também evoluíram pela própria força de progresso de que estavam animadas.

Os inúmeros fragmentos de telha (tegula e imbrex) que aparecem em Briteiros, mas são raros ou faltam inteiramente noutros castros, devem corresponder a uma aquisição cultural posterior e

(1) Ver pág. 137; ver mais Siret — *Les premiers âges du métal dans le sud-est de l'Espagne*, extrait de la «Revue des questions scientifiques, 1888, pág. 11; Cartailhac — *La France Préhistorique*, pág. 133.

(2) Santos Rocha — *Obra cit.*, pág. 322.

(3) Jorge Dias — *Las chozas de los Cabeçudos*, ver nota 1 da 1.^a página.

talvez só aplicada nos edifícios rectangulares, como muito bem aventa Mário Cardozo (1). É certo que temos encontrado casas circulares, primitivamente baixas e de cobertura cónica vegetal, que mais tarde foram reformadas, apresentando hoje paredes altas e telhado de duas águas, ou duma só água, conforme a inclinação que deram à parede (2).

Excluída a hipótese da telha, como cobertura primitiva e generalizada das casas circulares, que outra cobertura podemos admitir? A Etnografia, que até agora nos auxiliou, fornecendo-nos exemplos de cabanas todas de materiais vegetais e choças redondas de pedra e cobertura cónica vegetal, também nos obriga a pensar nos «fornos cabanas» de pastores e abrigos de pouca permanência, de falsa cúpula e cobertos de torrões, que encontramos na Serra Amarela (3), no Gerês (4), no Soajo e em vários outros lugares. A solução da abóbada de pedra surge sobretudo quando se pensa nas malhadas de porcos do Alto Alentejo ou em construções nesse género frequentes na faixa oriental alentejana. Georg Leisner, fez um estudo pormenorizado de algumas destas construções, que ilustrou com desenhos próprios, de maneira a tornar verdadeiramente fácil o estudo comparativo destas construções, com quaisquer outras do presente ou do passado (5).

A hipótese da abóbada de pedra não é de agora. Quando Martins Sarmiento reuniu em 1877 alguns estudiosos em Britei-

(1) Mário Cardozo — *Citânia e Sabroso*, 1948, pág. 29.

(2) Ver Jorge Dias — *Las chozas de los Cabeçudos*, nota 1 da 1.^a página.

(3) Jorge Dias — *Las construcciones circulares*, nota 1, figs. 1 e 2.

(4) Tude de Sousa — *O abrigo pastoril na serra (Notas do Gerez)*, in «Portugália», n.º 40, Maio de 1925, pág. 74.

(5) Georg Leisner — *Ueberleben megalitischer Elemente in ländlichen Bauten von Alentejo*, in «Congresso Nacional de Ciências da População», Porto, 1940, tomo II, vol. XVIII, págs. 352-367.

ros, já houve quem a aventasse (1). A ideia de que as casas da citânia podiam terminar em abóbada nasceu da observação que alguns fizeram, da curvatura ou inclinação das paredes para o interior da casa.

Mário Cardozo explica esse fenómeno nas casas da encosta, pela pressão exercida numa das paredes pelos detritos arrastados pelas chuvas (2).

Contudo, nas escavações realizadas em 1937, apareceu uma parede nitidamente encurvada para o interior, sem que essa curvatura pudesse ser explicada pelas razões apontadas atrás, o que veio dar força à opinião de um remate em abóbada (3). Outro caso idêntico e ainda mais claro surgiu nas escavações de 1945, porque a casa então desenterrada, além de apresentar a mesma curvatura, conservava as paredes muito mais altas (4).

A curvatura das paredes de certas casas circulares não é privativa da Citânia, e repete-se noutros castros. Em Santa Tecla observou-se o mesmo fenómeno, que foi cuidadosamente estudado por arqueólogos da nação vizinha.

Apesar da evidência da curvatura das paredes de algumas casas, nem todos se inclinam para a solução da abóbada de pedra.

Emílio Hübner, ao reparar que algumas casas se iam estreitando para cima, disse que lhe parecia que elas tendiam para uma solução cónica (5). A esta opinião opôs-se Martins Sar-

(1) Mário Cardozo — *Arquitectura citaniense. O problema das casas com tecto de abóbada*, in «Minia», 1946, fasc. III e IV, n.º 3, pág. 247.

(2) Mário Cardozo — *Obra cit.*, pág. 245, fig. 2.

(3) Mário Cardozo — *Obra cit.*, pág. 246.

(4) Mário Cardozo — *Obra cit.*, pág. 247.

(5) Emílio Hübner — *Citânia*, in «Arqueologia Artística», Porto, 1879, pág. 118.

mento (1), que, como já vimos atrás, foi defensor da cobertura vegetal cónica, com beiral.

Há uns três anos, António de Azevedo, em face das últimas escavações a que atrás nos referimos, defendeu com um ardor, talvez imoderado, a hipótese da abóbada de pedra, que ele pretende ser de cúpula e que generaliza a todas as construções circulares (2).

Como já atrás dissemos, não concordamos com uma solução única para todas as casas castrejas, visto que sobre elas decorreram muitos séculos, em que fatalmente houve evolução arquitectónica própria, assim como influência de outras culturas com que os seus povoadores entraram em contacto. Além disso, temos de considerar que para as mesmas épocas existiam possivelmente grandes diferenças duns povoados para outros.

Mário Cardozo, defendendo a contemporaneidade de Sabroso e da Citânia, observa muito bem que: «é de todos os tempos florescerem sincronicamente, a par de centros de maior progresso, povoados da mais rudimentar cultura».

Partindo deste princípio, que nos parece o mais acertado, vamos analisar a hipótese da abóbada de pedra, que em certos casos podia ter existido sem ser geral, e sem excluir as coberturas atrás estudadas.

Comecemos pela hipótese da cúpula que propõe António de Azevedo, baseando-se no facto de se ter encontrado uma parede de 2^m de altura: «em que se acentua a curva dum arco cujo raio é o diâmetro interior da casa, tendo o seu ponto de nascença a 50 ou 60 centímetros acima do nível do chão» (3).

(1) Martins Sarmiento — *Obs. à Citânia do Snr. Doutor Emilio Hübner*, Porto, 1879, págs. 13-14.

(2) António de Azevedo — *Como eram cobertas as casas da Citânia?* in «Revista de Guimarães», vol. LV, n.ºs 3-4, 1945, págs. 172-182.

(3) António de Azevedo — *Obra cit.*, pág. 177.

Ninguém mais abalisado do que Mário Cardozo para refutar tal opinião, não só com argumentos gerais, como o facto da abóbada de cúpula representar uma forma arquitectónica evoluída, que se desenvolveu e expandiu sob o Império Romano (1), mas sobretudo com argumentos locais tirados do estudo das casas em questão. É certo que a abóbada de cunha, muito tosca, já foi empregada nas galerias de Los Millares (Almeria) no Eneolítico, muitos séculos, portanto, antes da expansão romana (2). Mas há um abismo entre as culturas peninsulares do levante, em contacto com velhas culturas mediterrâneas, e a cultura castreja muito mais primitiva e de diferente raiz.

Analisando as ruínas das tais paredes curvas, Mário Cardozo conclui que o sistema dos dois aparelhos (interior e exterior) sem pedras de travamento (juntouras) e a falta duma argamassa forte capaz de dar solidez ao conjunto torna impossível a hipótese da cúpula, pois o arco de aduelas ou cunhas exerceria uma impulsão lateral superior à resistência das paredes. Além disso, tal abóbada exige pedras talhadas em cunha, que deviam aparecer entre as pedras encontradas, mas que ele nunca as achou nas escavações, nem nunca descobriu notícia de tal achado nos papéis de Martins Sarmiento (3).

Os argumentos de Mário Cardozo atiram por terra a hipótese da cúpula, mas não excluem a da *falsa cúpula*, em que sucessivas fiadas de pedras horizontais se vão aproximando até formar a abóbada e que, como já atrás dissemos, são frequentes em construções rústicas actuais.

Uma tal abóbada era admissível mesmo apesar dos aparelhos das paredes não oferecerem muita solidez, pois, como observa

(1) Mário Cardozo — *Obra cit.*, pág. 251.

(2) Mário Cardozo — *Obra cit.*, pág. 252.

(3) Mário Cardozo — *Obra cit.*, pág. 251.

Mário Cardozo, tal abóbada exerce a força principal no sentido da vertical e pouca pressão lateral (1).

Seriam então todas estas casas que apresentam paredes curvas fechadas por abóbada de *falsa cúpula*? Certamente que não! Mesmo Mário Cardozo, que aceita este tipo de cobertura para algumas casas, não a generaliza a todas, e há, de facto, razões importantes para não admitir tal generalização.

Cayetano de Mergelina, ao estudar a curvatura das paredes do castro de Santa Tecla, que parece indicar a existência de abóbada, diz que esta se não pode admitir, porque, de contrário, tinha de aparecer no interior das casas a pedra empregada na sua construção (2). O argumento é de peso e já nos havia ocorrido quando começamos a pensar neste problema. Mas, há mais, na actualidade existem inúmeras construções de pedra terminando em falsa cúpula, sem que as paredes apresentem curvatura alguma. Rohlfis (3), que nos fornece vários exemplares de tais construções em Itália, algumas das quais magnificamente construídas (Alberobello e Locorotondo da Prov. de Bari [figs. 1 e 14]) não apresenta nenhum exemplo de curvatura da parede, sendo todas verticais. Só numas construções do Kurdistão (4) se pode verificar na parede a curvatura da cúpula. A mesma verticalidade se nota em alguns dos exemplos que Richthofen dá de tais cons-

(1) Mário Cardozo — *Obra cit.*, pág. 251.

(2) Cayetano de Mergelina — *La Cítania de Santa Tecla, La Guardia (Pon-tevedra)*, in «Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología», Valladolid, 1943-44, tomo IX, págs. 22-25.

(3) G. Rohlfis — *Problemi Etnografici-Linguistici dell'Italia Meridionale*, separata da «Revue de Linguistique Romane», tomo IX, Halle, 1934, figs. 1, 2, 3, 12, 14.

(4) G. Rohlfis — *Obra cit.*, fig. 15.

truções na Península e em outras regiões (1). Da mesma maneira, as construções terminando em falsa cúpula, que se encontram na faixa oriental alentejana, do tipo das que Leisner descreveu, apresentam quase sempre paredes cilíndricas, e raros vestígios de curvatura (2). O mesmo se dá com o único caso que conhecemos em Portugal de cobertura cônica de pedra (3).

A que se pode então atribuir a curvatura das paredes das citânias, se há elementos para rejeitar a hipótese da abóbada? Lopez García diz que a curvatura era destinada a facilitar o escoamento das águas que escorriam do telhado (4), e também houve quem visse nessa configuração um processo de aumentar a resistência da parede (5).

Mas, seja qual for a razão que levou a construir desta maneira, o certo é que a curvatura não implica abóbada de pedra.

Mário Cardozo apresenta, como novo argumento, o facto de no castro da Póvoa de Lanhoso ter aparecido uma casa de 5^m de diâmetro, de paredes encurvadas que, pela fraca espessura que apresentavam, tornavam impossível a existência duma abó-

(1) Bolko Frhr. von Richthofen — *Zur Bearbeitung der vorgeschichtlichen und neueren kleinen Rundbauten der Pyrenäenhalbinsel*, in «Homenagem a Martins Sarmiento», Guimarães, 1933, págs. 332-341.

(2) Georg Leisner — *Obra e lug. cit.*

(3) Arlindo de Sousa — *O concelho da Feira*, estampa XXXII, representando a Capela de Santo Estêvão do Monte da Mámoa da Arrifana.

(4) Julián López García — *La citania de Santa Tecla, o una ciudad prehistórica desenterrada*, La Guardia, 1927, pág. 54.

(5) Mário Cardozo — *Obra cit.*, pág. 253, diz que nas construções irlandesas de pedra seca, se dava uma curva à parede por uma questão de segurança, sem que rematassem por cúpula. Referido por A. G. Leask — *The characteristic feature of irish architecture from early times to the twelfth century*, in «North Munster Antiquarian Journal», 1936, págs. 11-13.

bada. Além disso tinha a pedra que devia servir de base à coluna da cobertura vegetal cónica (1).

Mário Cardozo refere-se à abundância de fragmentos de placas de xisto boleadas numa das extremidades, encontradas em Sabroso, que o levam a admitir a hipótese destas casas terminarem em falsa cúpula, sustentada por um esteio, ficando a parte boleada das lajes para o exterior (2).

Acrescenta que ainda hoje existem tais sistemas de cobertura de casas, em algumas das nossas aldeias montesinhas (3).

É pois provável que este tipo de cobertura tivesse existido outrora em casos esporádicos, ou em lugares como Sabroso, mais pobres e arcaicos, juntamente com o telhado cónico de ramagens e giesta ou colmo. Ainda hoje, dentro dos conhecimentos que temos do país, a construção em abóbada parece ocupar um lugar inferior à da choça circular coberta de colmo. De facto, não temos conhecimento de tais construções servirem de habitação permanente ao homem, por muito ínfima que seja a sua situação; ou são abrigos temporários de pastores, ou malhadas de porcos. Ao passo que as cabanas cobertas de palha, como as que atrás descrevemos (Cabeçudos) servem de habitação permanente a famílias.

Como muito bem diz Bellido, referindo-se à construção em abóbada duma suposta câmara funerária: «una solución abovedada en piedra exigió muros más gruesos, alturas más prudentes y ámbitos más reducidos» (4). De facto, nos nossos «fornos-caba-

(1) Mário Cardozo — *Obra cit.*, pág. 253.

(2) Mário Cardozo — *Citânia e Sabroso*, 1948, pág. 54.

(3) Mário Cardozo — Nota anterior.

(4) Antonio Garcia y Bellido — *El castro de Coaña (Asturias) y algunas notas sobre el posible origen de esta cultura*, in «*Archivo Español de Arqueología*», n.º 42, 1941, pág. 196.

nas» das serras Amarela, do Gerês e do Soajo, que servem de abrigo temporário aos pastores das *vezeiras*, bem reduzido é o interior, em que por vezes se tem de rastejar, e quase nunca se pode estar de pé.

Há, é certo, as construções circulares de falsa cúpula, que descreve Leisner, e que são um curioso caso, com problemas ainda por resolver. Nestas casas há altura suficiente e o diâmetro interior da base pode ir além dos 5^m. Mas são construções vigorosas, com paredes que chegam a atingir os 2^m de espessura, 2^m acima do chão (1).

Aceitando como possível tal tipo de construção dentro da cultura castreja, julgamo-la arcaica e de origem diferente da das outras construções descritas (2).

c) Casas de paredes de xisto

Conhecemos poucos castros cujo material empregado nas construções das paredes fosse o xisto. Além de Coaña, Pendía e Borneiro não conhecemos mais, mas com certeza que deve haver outros. Não pretendemos que a diferença entre os castros de xisto e de granito seja fundamental. Com certeza, dentro da unidade cultural que havia, as diferenças que apresentam são mera consequência das propriedades do material que a região lhes fornecia. Isto, que não deve ter interesse arqueológico, é para o etnógrafo um elemento digno de ponderação.

A primeira diferença que se nota entre as construções de xisto e as de granito reside na uniformidade da alvenaria das

(1) Georg Leisner — *Obra cit.*, táboa III.

(2) Perto da Portela do Mesio, no Soajo (Arcos de Valdevez) existe uma *branda* abandonada, com construções todas em pedra semelhantes a estas habitações primitivas e que facilmente se tomarão por monumentos pré-históricos.

primeiras, que não têm outro recurso senão a sobreposição de *lajes tabulares*, e a variedade da alvenaria das segundas, que apresentam três tipos diferentes, entre os quais se destacam o *poligonal* e o *helicoidal* tão característicos destas construções (1).

Não é isto, porém, que nos interessa estudar, mas sim as possíveis diferenças das principais características arquitectónicas, que de certo modo estejam associadas a um material de construção, ou a outro. A primeira que se nos apresenta, é a da altura das paredes.

Enquanto que os castros com habitações graníticas raras vezes apresentam ruínas de paredes superiores a um metro, havendo um único caso em Briteiros numa parede de 2 metros, o castro de Coaña apresenta paredes rectas apuradas com uma altura média de 1^m,50, por vezes mais, e em casos excepcionais as paredes atingem 3^m,50 e 4^m. As próprias paredes dos vestíbulos parece atingirem as mesmas alturas, pois uma parede de vestíbulo tombada, que Garcia y Bellido pôde medir, tinha também 3^m,50, conservando-se ainda de pé o resto da parede de cerca de um metro (2).

Necessariamente, umas ruínas desta natureza excluem a hipótese de reconstituição que as choças dos Cabeçudos podem oferecer, para as construções dos castros graníticos, de paredes mais baixas.

Não sabemos se tal diferença se pode explicar só por uma questão de material, o que parece improvável. Mas o certo é que na actualidade se notam também diferenças idênticas em construções circulares de granito e de xisto.

O palheiro de Barranco Velho no Algarve, que aqui reproduzimos (fig. 3), sendo tão semelhante às construções de granito dos

(1) López Cuevillas y Joaq. Lorenzo — *Obra cit.*, págs. 16-20.

(2) Garcia y Bellido — *Obra cit.*, pág. 194.

Cabeçudos, apresenta as paredes bastante mais altas que as dos primeiros. Esta construção, que hoje é palheiro, não tem coluna central, segundo nos informaram, pois estava tão cheio de palha que não pudemos examiná-lo (1).

Da mesma maneira, uma casa arredondada, de xisto, que fotografamos em Rio de Onor, chega a atingir os 4^m,50 (2). Uma



Fig. 3 — Palheiro de Barranco Velho (Loulé). Em cima vê-se um pormenor da construção da cobertura.

(Desenho de Fernando Galhano).

outra do Barroso, também arredondada, mas de granito, já apresenta metade da altura da primeira.

Não queremos com isto concluir nada, porque não temos elementos para tanto, mas há aqui uma sugestão que pode ser

(1) Há muitos destes palheiros por toda a Serra do Caldeirão, e nem todos são assim altos como este. Em muitos lugares, os velhos confessaram que os seus avós viveram em tais barracos. Esta confissão não se obtém à primeira, e é preciso perguntar com habilidade, porque, no fundo, sentem-se diminuídos e envergonham-se disso. (Fig. 7).

(2) Jorge Dias — *Las construcciones circulares*, nota 1, pág. 186.

aproveitada. Quando se fizer o estudo sistemático da habitação rural em Portugal, é natural que se encontrem elementos valiosos para ajudarem a resolver estes enigmas.

Quanto aos problemas da cobertura, Garcia y Bellido defende a vegetal, cónica. A verticalidade das paredes do castro de Coaña não se presta tanto a pôr a hipótese da abóbada de pedra, que aliás era inadmissível, como diz Bellido, devido à pouca espessura das paredes (1). A opinião deste ilustre Arqueólogo parece confirmada pelos restos de palha carbonizada que foram encontrados nas ruínas das casas por ele estudadas (2).

Contudo, não podemos conceber uma cobertura no género da Casa dos Cabeçudos, pois seria absurda sendo as paredes tão elevadas. Mesmo as paredes das pallazas del Cebrero são bastante mais baixas que as do castro Coaña, o que nos leva a duvidar que estas tivessem coberturas tão elevadas. Mas deviam ser do mesmo género, e é natural que a anaparástasis duma parte do castro Coaña feito por Garcia y Bellido (3) corresponda, mais ou menos, à realidade. Porém, a certeza talvez nos fique sempre vedada.

d) Casas de adobes e e) casas mistas, com parte da parede de pedra e o resto de materiais menos resistentes

Não nos vamos deter a estudar as construções feitas destes materiais, pela simples razão de as não termos encontrado na actualidade. Tudo que até hoje temos visto, construído com tais materiais, apresenta formas rectangulares. Não devemos contudo

(1) Garcia y Bellido — *Obra cit.*, pág. 195.

(2) Garcia y Bellido — *Obra cit.*, pág. 196.

(3) Antonio Garcia y Bellido — *El castro de Coaña (Asturias). Nuevas aportaciones*, in «Archivo Español de Arqueologia», n.º 48, 1942, pág. 216, fig. 2.

deixar de as incluir neste ensaio, visto que ainda podem vir a aparecer, pois sabemos que se encontraram restos de tais habitações do passado (1). Garcia y Bellido, é de opinião que a habitação circular devia ter ocupado regiões mais amplas, que a área que lhe é habitualmente atribuída, visto que vários aspectos materiais desta cultura, ultrapassavam tais limites. Pensa este ilustre Arqueólogo que, nas regiões pobres em pedra, as cabanas foram construídas com materiais menos resistentes, que não deixaram vestígios capazes de chamar a atenção do leigo, e que só os olhos do especialista os poderão encontrar (2).

Ficarão, portanto, as construções destes materiais para estudar mais tarde, se se vierem a encontrar casos que tornem tal estudo possível.

Portas e janelas

Falta-nos agora analisar o problema das portas e das janelas, que tem preocupado bastante os investigadores, pelo facto de muitas paredes baixas de vários castros não mostrarem vestígios de tal coisa.

Nos casos actuais, por nós estudados, não existem janelas. Só em alguns palheiros da Serra do Caldeirão se vê uma espécie de fresta, como um postiguito que, de certo modo, desempenha funções de janela rudimentar. Nas choças dos Cabeçudos, que

(1) C. Serrano y J. Barrientos — *La estación arqueológica del Soto de Medinilla*, «Boletín del Seminario de Arte y Arqueología de la Univ. de Valladolid», fasc. v, pág. 222, 1934. Citado por Garcia y Bellido, pág. 243. Bellido diz que apareceu uma construção circular de adobes neste castro.

A. Schulten — *Castros Prerromanos de la Region Cantabrica*, in («Archivo Esp. de Arq.», n.º 46, 1942, pág. 12). Diz-nos que o castro do Monte Bernorio, ao N. da província de Burgos, devia ter tido «cabañas de planta circulares hechas con lajas y pedazos de caliza sin labrar».

(2) Antonio Garcia y Bellido — *Obra cit.*, nota 84, págs. 243-244.

servem de habitação permanente, e em outras (Pedralva-Aljezur), que também serviram de habitação, não há vestígios de janela. Isto confirma a opinião de que as casas castrejas também as não possuíam.

A descoberta do castro de Coaña, em que há paredes quase inteiras, sem vestígio de janela, não deixa dúvidas, apesar do achado duma pequena soleira em Briteiros (1), que não podia ser de porta, e duma abertura numa casa do castro de Santa Tecla (2), a que chamaram janela, embora seja tão baixa que mais pareça uma entrada para animais que para utilização humana.

Pode-se dizer que, independentemente de qualquer caso esporádico, não deviam existir janelas nas casas circulares castrejas.

O problema das portas é mais complicado, visto que muitas ruínas não apresentam abertura nenhuma na parede cilíndrica, enquanto outras (Coaña por exemplo), chegam a apresentar não só a abertura da porta, mas até sinais de duas portas.

Como seria a entrada destas cabanas, onde se não vê sinal de porta em ruínas de parede, que vão até aos 0^m,70? Martins Sarmiento diz que essas portas ficariam «de quatro a cinco palmos acima do chão» (3), o que é muito aceitável. Porém, a ideia duma porta aberta numa parede quatro ou cinco palmos acima do solo, briga um pouco com a nossa ideia de porta. Parece-nos que está mais perto da verdade o Padre Jalhay, quando explica a ausência de portas nas casas por ele escava-

(1) Mário Cardozo — *Citânia e Sabroso*, pág. 28.

(2) Ignacio Calvo — *Monte de Santa Tecla, La Guardia (Pontevedra)*, 1920, lámina II.

(3) Citado por Mário Cardozo — *Citânia e Sabroso*, pág. 27.

das e estudadas na Citânia de Sanfins, porque: «a entrada seria aberta no colmo ou na abóbada que as cobria» (1).

De facto, nós cremos que deve estar aí a solução, e quase que se sente o processo da evolução da porta nestas construções.

Nas cabanas todas construídas com materiais vegetais, por nós encontradas em Prime, Fragozela, a porta estava aberta na

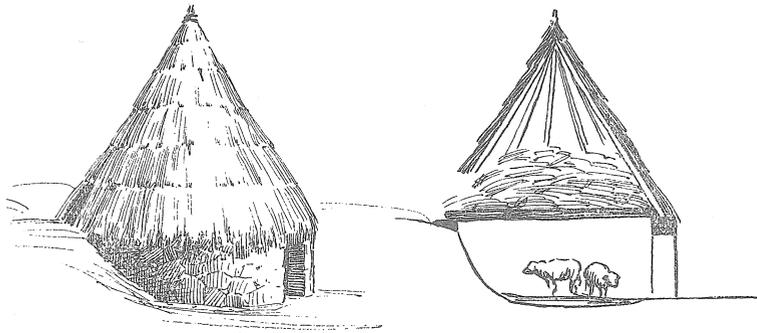


Fig. 4 — Construção cilíndrico-cónica de Prime (Fragozela, Viseu), e o perfil da mesma construção, onde se vê a porta do curral em baixo, e a entrada do palheiro aberta no próprio telhado.

(Desenho de Fernando Galhano).

giesta junto ao solo. Noutras cabanas idênticas, do mesmo lugar, mas assentes numa parede circular de pedra, a construção aproveitava a irregularidade do terreno, de maneira a que a entrada da parte superior se mantivesse também ao nível do solo (fig. 4). É pois possível que outrora, quando alguns homens passaram da construção vegetal a outra mista, com parede baixa de pedra, mantivessem a porta na parte vegetal e se limitassem a construir um pequeno tronco de cilindro de pedra, contínuo.

(1) Padre Eugénio Jalhay — *A Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira)*, separata da revista «Brotéria», vol. XXXIX, fasc. 5, Novembro, 1944, pág. 18.

Como a parede era baixa, a entrada não oferecia grande dificuldade e a parede de pedra devia preservar melhor da humidade. Mais tarde, de invenção em invenção, chegaram à ideia da porta aberta na pedra, mais cómoda.

As choças dos Cabeçudos devem, pois, representar esta terceira fase da evolução, a que se seguiria uma quarta, que também está representada nos Cabeçudos e em Pedralva (Aljezur), (ver figs. 5 e 6).

É de presumir que depois das cabanas terem chegado à 3.^a fase, que é a mais típica e difundida dentro da Cultura Castreja, se fossem dando casos de variação individual, por influência de outras culturas, ou por inventiva própria. Devem estar neste caso, não só as construções de planta quadrangular, como mesmo as construções circulares ou arredondadas de paredes mais altas e de portas de umbrais altos e ornamentados, como é o caso da porta achada na Cidade de Âncora (1). A riqueza da ornamentação é mesmo indício de opulência a contrastar com a modéstia da maioria das casas, que se encontram pelos numerosos castros. Os achados de padieiras e umbrais destas portas apresentam uma altura entre 1^m,80 a 1^m,60 e uma largura que anda à volta de 1 metro (2).

As portas das choças dos Cabeçudos são bastante mais pequenas; 1^m,30 de altura por 0^m,80 de largura, e é natural que não fossem muito maiores as portas das cabanas castrejas mais humildes. Porém, outrora como hoje, vai-se dando uma diferenciação entre os indivíduos, e ao lado dos que não são capazes nem desejam ir além do tradicional, outros há mais inquietos e ambiciosos de novas formas, ou de opulência.

(1) Esta porta da Cidade de Âncora tem 1^m,75 × 0^m,97. Encontra-se no Museu Martins Sarmento, de Guimarães.

(2) Mário Cardozo — *Citânia e Sabroso*, 1948, pág. 28.

Desta diferenciação individual devia ter nascido também uma diferenciação social que transparece porventura nesses edifícios mais belos e de proporções maiores.

Joaquim de Carvalho, que faz uma curiosa interpretação sociológica desta cultura, reconhece que ela já tinha características duma civilização muito rudimentar, que a colocava acima duma sociedade primitiva (1).

Estes núcleos castrejos, que ainda deviam conservar traços de nomadismo pastoril, representavam pequenas autarquias inde-

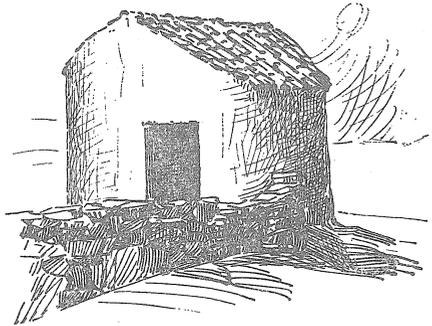


Fig. 5 — Casa recente da aldeia dos Cabeçudos. A tradição circular mantém-se, mas o telhado é de duas águas e as paredes são mais altas do que nas casas primitivas.

(Desenho de Fernando Galhano).

pendentes, onde os indivíduos eram iguais e a propriedade do solo colectiva (2).

Contudo, não se pode dizer que houvesse uma uniformidade absoluta entre eles, e alguns haveria entre os maiores, como a Citânia de Briteiros, em que a diferenciação social já existiria (3).

(1) Joaquim de Carvalho — *A Cultura Castreja*, separata do n.º 99 da revista «Ocidente», de Julho de 1946, pág. 7.

(2) Joaquim de Carvalho — *Obra cit.*, pág. 15.

(3) Joaquim de Carvalho — *Obra cit.*, pág. 18.

Martins Sarmiento, chega a admitir interdependência defensiva entre alguns castros (1).

Sendo assim, explica-se facilmente que nos grandes castros, ao lado das cabanas mais humildes, se erguessem outras duma classe aristocrática, que por sua vez obedecia a um chefe (2). É possível que em certos castros pequenos existisse maior uniformidade, própria dum clã em que não havia diferenças sociais,

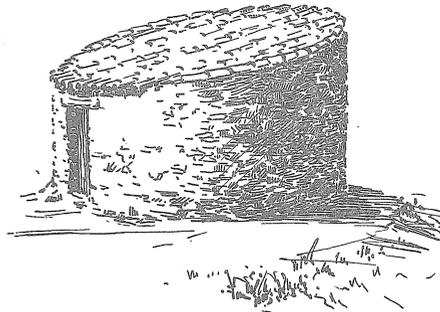


Fig. 6 — Desenho duma casa antigamente habitada em Pedralva, Aljezur.
O telhado duma só água já não existe.

(Desenho de Fernando Galhano).

como é frequente nas sociedades comunitárias resultantes da fixação de pastores nómadas patriarcais.

CONCLUSÃO

Considerações acerca das origens

Tem sido muito debatido o problema das origens destas construções circulares, defendendo uns a tese céltica, outros a

(1) Citado por Joaquim de Carvalho — *Obra cit.*, pág. 18.

(2) Alberto Sampaio — Ver Alberto Sampaio, relativo a nota 3 da página anterior.

pré-céltica, baseando-se cada um em argumentos de certo modo importantes.

Contam-se entre os defensores da primeira, homens de grande prestígio, como Bosch Gimpera (1), Schulten (2), Serpa Pinto (3), e outros que se baseiam em argumentos arqueológicos ou na interpretação de textos de escritores antigos. São talvez menos numerosos os que se opõem à tese céltica, mas não são de menos valor os seus argumentos, nem é menor a sua projecção científica internacional. Mendes Corrêa (4) e Mário Cardozo (5), põem objecções à teoria céltica, servindo-se, como os anteriores, de argumentos arqueológicos ou tirados da interpretação dos textos. O primeiro, porém, reconhece a complexidade do problema, e não toma atitude intransigente.

Richthofen (6), baseado no estudo das construções circulares espalhadas pela bacia do Mediterrâneo e em vários outros casos

(1) Bosch Gimpera — *Los Celtas en Portugal y sus caminos*, in «Homenagem a Martins Sarmento», Guimarães, 1933, pág. 54.

——— *Etnologia de la peninsula ibérica*, Barcelona, 1932.

——— *La Formacion de los Pueblos de España*, México, 1945.

(2) Adolf Schulten — *Germanen und Gallier*, in «Forschung und Fortschritte», VIII, 1932, n.º 10.

(3) Rui de Serpa Pinto — *A cidade de Terroso e os castros do norte de Portugal*, Famalicão, 1932. (Apresentado ao 4.º Congresso Internacional de Barcelona, 1929).

(4) Mendes Corrêa — *Os Povos Primitivos da Lusitânia*, Porto, 1924.

——— *Lusitânia Pré-Romana*, in «História de Portugal», Barcelos, 1928, vol. I.

(5) Mário Cardozo — *Citânia e Sabroso*, Guimarães, 1930.

(6) Bolko Frhr. von Richthofen — *Zur Bearbeitung der vorgeschichtlichen und neuen kleinen Rundbauten der Pyrenäenhalbinsel*, in «Homenagem a Martins Sarmento», Guimarães, 1933.

——— *Zum Stand der Arbeiten über neuzeitliche Kleinbauten vorgeschichtlich-mittelmeerländischer Art und über die Urheimat der Hamiten*, in «Prähistorische Zeitschrift», vol. 22, 1933.

idênticos, conclui que tais construções são pré-célticas. Não só aparecem em regiões cuja população não é de origem indo-europeia, como a própria Cultura Castreja apresenta certas características que provam uma origem pré-céltica. A certa altura diz este pré-historiador: «...die Rundbauten mit Steinmauern in der wohl keltischen Castrokultur (sind) eine Uebernahme aus dem Kulturgut der bodenständigen Vorbevölkerung, — und zwar u. a. deshalb, weil diese Bauform in Gegensatz zur keltischen Kultur in allgemeinen unindogermanisch ist...» (1).

A esta objecção de Richthofen, pode-se acrescentar o caso da habitação céltica do centro de Espanha ser quadrangular e não redonda, como muito bem lembra Garcia y Bellido (2). Por sua vez, a relação que há entre as estelas em forma de casa e as «pedras formosas» das citânias portuguesas, são mais um elemento importante a ponderar, ao pôr a questão da forma da planta das casas célticas (3).

Como vemos, existem duas teorias arqueológicas, ambas apoiadas em elementos importantes, que não permitem uma solução satisfatória para ambas as partes.

No caso especial da cultura castreja, só novos achados e a revisão geral do problema poderão permitir que a Arqueologia se venha a pronunciar sobre o assunto definitivamente.

Nós, que só estudamos o problema da génese da habitação circular pelo aspecto etnográfico, independentemente do povo que

(1) Bolko Frhr. von Richthofen — *Obra cit.*, pág. 333.

(2) Garcia y Bellido — *Obra cit.*, pág. 216.

(3) Sobre este assunto ver o curioso estudo de Júlio Martínez Santa-Olalla — *Monumentos funerários célticos. As «pedras formosas» e as estelas em forma de casa*, in «Homenagem a Martins Sarmento», Guimarães, 1933. Assim como do mesmo autor: *Las estelas funerárias en forma de casa en España*, in «Investigación y Progreso», vi, 1932, págs. 148-150.

construiu as Citânias, vamos procurar explicar a maneira como esse problema se nos apresenta.

A casa circular não está relacionada com nenhum povo em especial. Num determinado período da evolução de qualquer povo, quando este se sedentariza, procura construir cabanas ou abrigos, que o protejam das intempéries e dos ataques dos animais. Naturalmente que só lhe restam duas possibilidades: a construção rectangular e a redonda. É natural que nem sempre haja uma razão para construir desta ou daquela maneira, e temos de admitir que, em muitos povos, o acaso tivesse desempenhado o papel principal. Contudo, não é para excluir a hipótese de ter exercido influência no tipo da construção a forma de vida de cada povo.

Alguns etnólogos levaram tão longe a necessidade de generalizar que chegaram a atribuir a construção de planta rectangular (palafitas, canastros e grandes casas comuns) ao ciclo matriarcal-agrícola e as de planta circular aos ciclos de povos caçadores e pastores (1).

Naturalmente que não se pode atribuir carácter de infalibilidade a tais teorias, assentes na observação de numerosos factos, contudo incapazes de os abranger todos. Mas, não deixa de haver nelas um fundo de verdade, capaz de ajudar a esclarecer certos casos particulares.

Em geral, os pastores nómadas e os caçadores, obrigados a deslocarem-se com muita frequência, usam a tenda quase sempre de paus e peles de animais, de planta circular ou poligonal (2).

(1) J. M. de Barandiarán — *Breve história del hombre primitivo*, in «Anuario de Eusko-Folklore», XI, Vitória, 1931, págs. 176, 188, 190, 195. Citado por Caro Baroja — *Los Pueblos de España*, Barcelona, 1946, pág. 56, nota 51.

(2) Não só as tendas de verão são de planta circular, em todo o círculo ártico, como mesmo os iglous de inverno. Ver Jean Gabus — *Vie et coutumes des Esquimaux Caribous*, Lausanne, 1944, págs. 51-73. Ver também André Leroi-Gourhan — *La civilisation du Renne*, Paris, 1936, pág. 137.

É natural que no momento em que estes povos começam a praticar a agricultura, que obriga à fixação, ou pelo menos a larga permanência num lugar, a tenda do nómada dê lugar à cabana primitiva, feita de paus e ramagens com cobertura de giestas ou de quaisquer outras plantas próprias para impedir que a chuva penetre no interior.

Tais choças circulares foram usadas em áreas muito maiores que hoje (1). Como já atrás vimos, não faltam indícios delas na região castreja e são inúmeros os vestígios que nos restam de fundos redondos de cabanas, de aldeias neolíticas, em muitos países (2). Estas cabanas neolíticas descritas por Decugis, que reproduz um plano duma aldeia de Ante (Marne) (3), são muito pequenas (aproximadamente 3^m,50 de diâmetro) e em geral espalhadas sem ordem dentro do recinto murado.

Desta mesma época há também, se bem que em menor número, cabanas quadrangulares muito pequenas (em média 3^m × 2,50) (4).

Por vezes, as cabanas pequenas dispõem-se à volta duma cabana maior, que porventura seria a do chefe (5). Na linha das habitações que já se deviam construir no neolítico devem estar as granjas de planta quadrangular com telhado de duas águas, aperfeiçoadas na Idade do Bronze e depois na do Ferro, que se estendem desde a fronteira oriental alemã até ao Atlântico, invadindo o norte de Espanha (6).

(1) Júlio Caro Baroja — *Los Pueblos de España*, Barcelona, 1946, pág. 56.

(2) Henri Decugis — *Les étapes du droit*, Paris, 1946, tomo I, pág. 210.

(3) Henri Decugis — *Obra cit.*, fig. 6.

(4) Henri Decugis — *Obra cit.*, pág. 210.

(5) G. Goury — *L'Homme des cités lacustres*, tomo I, pág. 47 e seguintes ; pág. 102 e tomo II, pág. 370 e seguintes.

(6) Júlio Caro Baroja — *Los Pueblos de España*, Barcelona, 1946, pág. 57.

Quando se conhece só o emprego de materiais vegetais, é natural que a cabana circular seja a mais fácil de construir, e a sua semelhança com as tendas de muitos povos nómadas, leva fatalmente a associar estes dois tipos de abrigo. Isto permite-nos pensar que não é disparatada a ideia de que, pelo menos grande número de cabanas de planta circular, provenha de povos pastores ou caçadores nómadas, no momento da sua fixação temporária a um lugar da terra. Mais tarde, com o desenvolvimento da agricultura, esta fixação tornou-se definitiva e a técnica da construção progrediu, resultando daí a *petrificação* da cabana, segundo a expressão que Garcia y Bellido (1) usa, traduzindo o *Versteinerung* alemão (2).

O facto da cabana de pedra ter uma coluna ao centro, servindo de apoio à cobertura vegetal de forma cónica, assente numa parede de pedra baixa e cilíndrica, está absolutamente de acordo com a configuração de grande número de tendas transportáveis de povos nómadas.

Sente-se, na verdade, a técnica da construção da choça de colmo aplicada à construção com materiais mais resistentes, sobretudo nos muros.

Claro está que outros povos construíram cabanas quadrangulares, tão elementares como estas, de que provieram mais tarde as construções de planta rectangular. Mas há uma diferença, enquanto que as primeiras estavam condenadas a uma vida precária, pela sua incapacidade de desenvolvimento e de adaptação a formas de vida mais complicadas, como é a dos povos lavradores, que usam a casa não só para habitação, mas para celeiro,

(1) Garcia y Bellido — *El castro de Coaña. Nuevas aportaciones*, in «*Archivo Español de Arqueología*», n.º 48, Madrid, 1942, pág. 244.

(2) Adolf Helbok, Heinrich Marzell — *Haus und Siedlung im Wandel der Jahrtausende*, Berlin und Leipzig, 1937, pág. 32.

curral, armazém de aprestos agrícolas e de carros, etc., as segundas foram ganhando cada vez mais terreno por possuírem condições magníficas de progresso.

Hoje, ainda se encontram os dois tipos primitivos da cabana quadrangular e da circular, entre pescadores, pastores, ou populações de economia precária, cuja vida decorre no acanhado quadro da luta feroz pelo sustento quotidiano, que coloca o homem à margem do tempo e do devir histórico, irmanando-o àqueles que, em épocas remotas, construíram cabanas exactamente iguais.

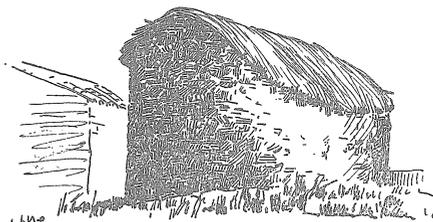


Fig. 7 — Palheiro da Serra do Caldeirão. A cobertura vegetal assenta sobre uma trave, formando duas pendentes. Dum dos lados a parede é bastante mais alta que nos palheiros de cobertura cónica.

(Desenho de Fernando Galhano).

Como dissemos, não foi um determinado povo que teve o privilégio de construir cabanas de planta circular. É até natural que, na origem da habitação de cada povo, fosse mais frequente este processo que o quadrangular, por ser mais elementar e mais semelhante à maioria das tendas. Foram sobretudo os povos que saíam duma fase de nomadismo pastoril os que, com certeza, mantiveram a técnica da construção da tenda, quando se fixaram e utilizaram materiais mais resistentes, resultando daí cabanas como as que nós vemos em Fragozela. Mais tarde acabou por se dar a petrificação da cabana, surgindo uma habitação como as que existem hoje na aldeia dos Cabeçudos.

Sendo assim, nada de extraordinário que as populações que habitavam o Noroeste Peninsular construíssem cabanas simples, de

planta circular, antes das primeiras invasões célticas. Estes novos invasores, embora portadores dum tipo de cultura comum, que lhes dava superioridade sobre as populações invadidas, sobretudo pelo conhecimento da técnica do ferro, eram em parte povos ganadeiros, semi-nómadas e que, muito possivelmente, apresentavam grandes diferenças entre si. É pois natural que o grupo ocidental, composto de celtas goidélicos, também usasse um tipo de construção idêntico, como era frequente entre os povos que conservavam vivos vínculos de nomadismo pastoril, o que é confirmado pelas construções de casas de planta circular, abundantes em regiões do Sul da Inglaterra e da Irlanda (1), em que se encontram também abundantes vestígios de cultura céltica. Neste caso, dar-se-ia um fenómeno de *sobreposição* cultural, no momento em que o povo invasor e o invadido se juntaram e fundiram.

Já uma vez expusemos vagamente esta ideia (2), que se nos apresenta hoje ainda mais aceitável, porque nos explica a perfeição que tal construção atingiu e a persistência com que se manteve na região durante tanto tempo.

Contudo, não somos hoje de opinião que outras construções circulares, existentes no país, se filiem nas mesmas populações, que por tradição tenham mantido essa maneira de construir até aos nossos dias. Precisamente na faixa ocidental do Norte de Portugal são muito menos frequentes as construções circulares usadas como habitação, ou que, segundo a tradição, o foram há poucas gerações. Pode-se mesmo dizer que quase não existem construções circulares na região portuguesa dos castros, pois não podemos incluir nesse tipo de construções, os fornos-cabanas, que servem de abrigos de pouca permanência, ou construções

(1) Aka Campbell — *Notes on the irish house*. I in «Folk-Liv», Stockholm, 1937: 2/3, págs. 207-234 e II, 1938: 2, págs. 173-196.

(2) Jorge Dias — *Las construcciones circulares*...

evoluídas, parcialmente arredondadas, que têm de ser estudadas à parte, e com muito cuidado. As cabanas redondas actuais, que conhecemos, são sobretudo beiroas, alentejanas e algarvias, prolongando-se pelo Norte de África; em Marrocos existem habitações absolutamente iguais aos palheiros algarvios (1).

Não cremos, portanto, que haja alguma identidade étnica, entre as actuais populações construtoras dessas cabanas e os antigos castrejos. Tudo leva a crer que a cabana circular seja apanágio de qualquer povo, que se encontre numa fase de economia pastoril ou precária e não dum povo no sentido étnico da palavra. Os habitantes dos castros, começaram por fazer as casas redondas quando se sedentarizaram, pelo conhecimento e prática da agricultura. Os progressos realizados através das gerações e mercê do impulso trazido pelas populações celtizadas ou célticas, que os invadem, leva esse tipo de cultura a um apogeu arquitectónico bastante grande, de que restam vestígios no Museu Martins Sarmiento. Porém, esses progressos não param. Da economia agro pastoril, de tipo provavelmente comunitário, em que a agricultura era rudimentar, passou-se, sobretudo no período da paz romana, com a consequente apropriação e exploração individualista do solo, a uma fase de agricultura intensiva, com progresso da técnica da estrumação e da aparelhagem agrícola. Esta mutação trouxe o abandono dos castros situados em lugares pouco cómodos para a cultura, visto que de início foram escolhidos por razões defensivas, e a habitação dispersa pelos vales acaba por ser toda de planta quadrangular, com telhados a princípio de duas águas, que depois se vem a complicar.

As actuais casas redondas, habitadas ou não, ou são propriedade de lavradores muito pobres em terras de tradição pasto-

(1) Possuímos uma fotografia dos Arquivos do Museu do Homem de Paris, de Marrakesch, Marrocos, que permite verificar essa identidade. Est. v.

ril, como as de Prime (Fragozela) (1), ou de população muito pobre, em terras incultas, e que tem o contrabando como fonte quase que exclusiva de economia, como a dos Cabeçudos, ou então estão em regiões serranas de xisto, pobres, em que se cultivava o centeio em queimadas antes da descoberta dos adubos, e cuja maior riqueza estava nas enormes cabradas, que ainda hoje se vêem em muito menores proporções, como é o caso da Serra Algarvia, sobretudo do Caldeirão.

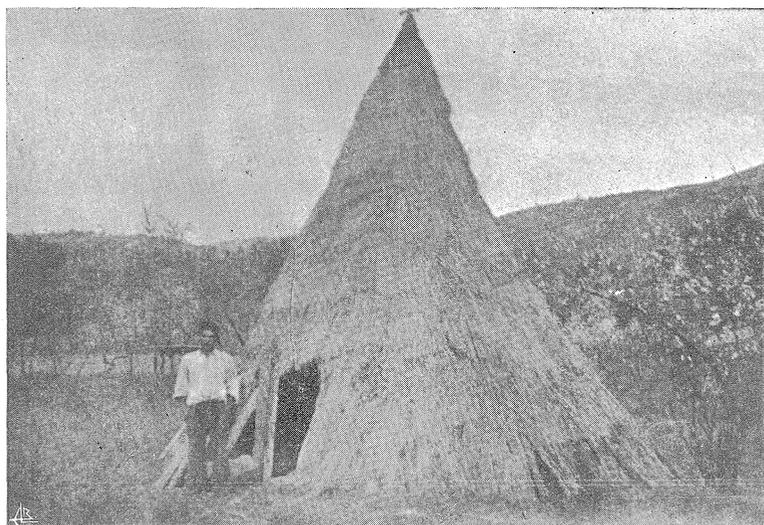
No Noroeste a humanidade superou, há muito, essa fase de evolução cultural e domina francamente a agricultura superior, ao passo que nestas regiões de que falamos, os homens lutam contra a adversidade em condições tais de inferioridade, que são obrigados a manter aspectos culturais extremamente arcaicos.

(1) Fragozela é ainda hoje um dos lugares de pernoita tradicional dos grandes rebanhos transumantes, que partem no princípio do verão do Vale do Mondego para ir pastar na Serra de Montemuro.

Ver Jorge Dias — *Les troupeaux transumants et leurs chemins*, Comunicação ao XVI^{ème} Congrès International de Géographie, Lisbonne, 1949.



Construção cônica de materiais vegetais em Prime (Fragozela, Viseu).



Outra construção cônica de materiais vegetais em Prime (Fragozela, Viseu).



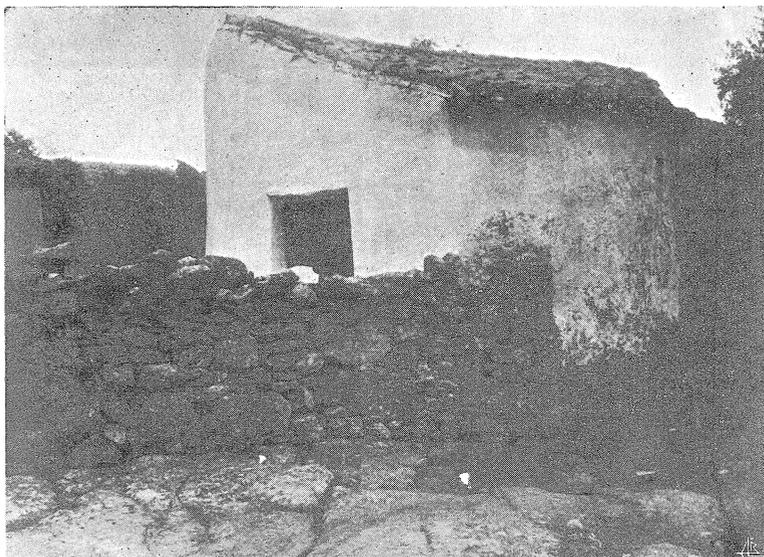
Casa cilíndrico-cónica da aldeia dos Cabeçudos (Marvão).
É ainda hoje casa de habitação.



Construção cilíndrico-cónica de Prime (Fragozela, Viseu).



Casa em Pedralva (Aljezur). Foi habitada antigamente. O telhado
duma só água foi há pouco desfeito.



Casa recente de planta circular, da aldeia dos Cabeçudos (Marvão).
Construção derivada das cilíndrico-cónicas, mais antigas na região.



**Palheiro cilíndrico-cónico em Barranco Velho (Loulé). Muitas destas
construções foram habitadas há mais de oitenta anos.**



Casa habitada em Barrancos (próximo da barragem de António Vasques).

(Cliché Mariano Feio).

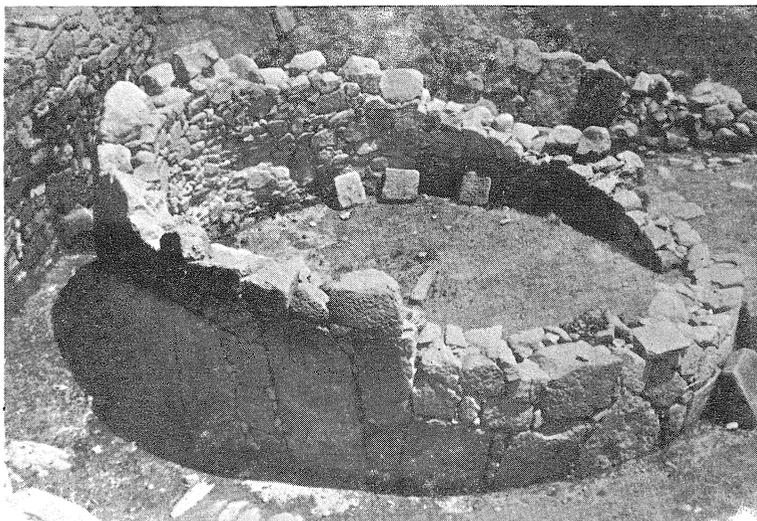


Casa cilíndrico-cónica de Marrocos (região de Marrakech).

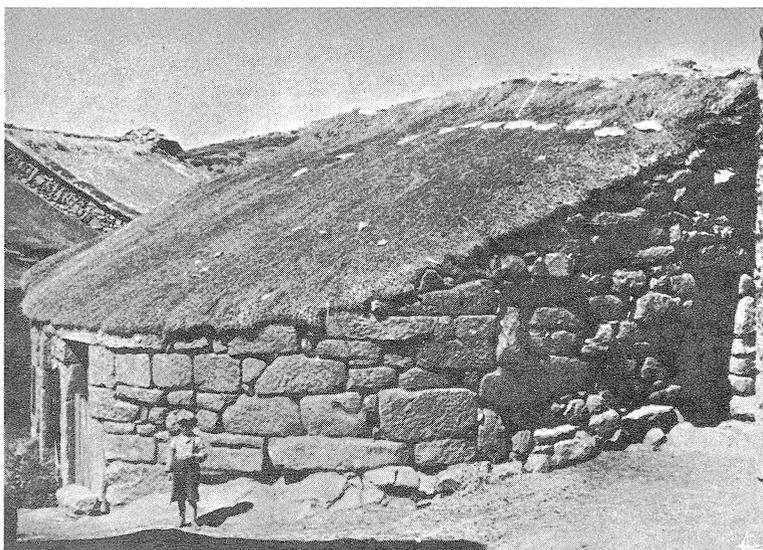
(Cliché Th. Rivière, da Phototheque du Musée de l'Homme).



Palheiro cilíndrico-cónico em Santa Maria, Palheirinhos (Tavira).
É flagrante a semelhança com as construções marroquinas congêneres.



Ruína dum casa de planta circular da Citânia de Briteiros (Braga).



Casa de granito semi-circular da aldeia de Alturas do Barroso (Boticas).



Casa cilíndrico-cónica da aldeia dos Cabeçudos (Marvão). Reparar no vestíbulo de pedra que recorda os da Citânia de Briteiros.

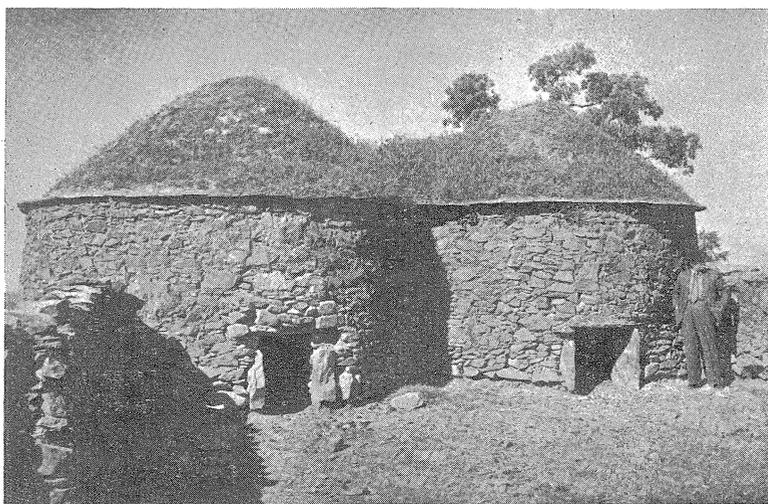


Reconstituição duma casa da Citânia de Briteiros, feita sob a orientação de Martins Sarmento.



Construções circulares com abóbada falsa de Barrancos (Monte Grande).

(Cliché Mariano Feio).



As mesmas construções vistas de frente.
Reparar nas dimensões minúsculas das portas.

(Cliché Mariano Feio).